

QUASE MEMÓRIA' SOME RECOLLECTIONS

MARIA HELENA LEITE HUNZIKER
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

RESUMO

Esse texto foi escrito com o objetivo de rever uma trajetória pessoal dentro da Psicologia. A idéia básica é lembrar, através de um relato informal, as contingências que controlaram alguns dos comportamentos de escolha que levaram a uma carreira de pesquisadora básica em análise do comportamento. As lembranças se iniciam em fatos de infância, aparentemente desvinculados dessa atividade profissional, continuando pelos primeiros contatos acadêmicos com o estudo da Psicologia, os eventos políticos que mudaram os rumos de um curso de graduação, as pessoas que influenciaram as opções pelo behaviorismo radical e pela pesquisa básica com animais. São descritas resumidamente as várias etapas de trabalho realizadas, com citações de pessoas que contribuíram para tornar mais produtiva e agradável essa trajetória.

Palavras chave: análise do comportamento, contingências, escolha.

ABSTRACT

This paper was meant as a personal account of my history within Psychology. The basic idea is to recall the contingencies that controlled some of the choices that led to a career as a researcher in behavior analysis. The first recollections, seemingly disconnected with that professional activity, began during my childhood and continued through my first academic contact with Psychology, the political events that changed the course of an undergraduate program, the people that influenced the choice for radical behaviorism and basic research with animals. The several stages of work are briefly described, acknowledging the people that contributed to make this journey more productive and pleasant.

Key words: behavior analysis, contingencies, choice.

Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar.
(Paulinho da Viola)

Ao escrever meu memorial, me deparei com a necessidade de lembrar fatos que influenciaram a minha atividade profissional presente, relatando uma história pessoal que me fez fazer o que faço, chegar aonde cheguei. Porém, sabendo que a memória é seletiva e parcial, optei por chamar esse relato de “quase memória”, pegando emprestado do Carlos Heitor Cony esse título tão sugestivo que dá ao texto uma conotação de conhecimento prévio da impossibilidade de lembranças completas.

Para começar, tentei ver o que dá unidade ao conjunto das minhas atividades profissionais. A pergunta é curta, mas não é simples: “O que me trouxe aqui?” Puxando pelo fio da memória, fico vendo um filme rodando de trás para frente: começa com fatos recentes na USP, fatos não tão recentes na UNICAMP, meu Doutorado, meu Mestrado, minha graduação, cursinho, segundo e primeiro grau na escola e... o filme pára no teto do meu quarto de criança. Branco, sem nenhuma marca especial. Mas parece que nele está o começo que me trouxe aqui. Na verdade, esse teto foi meu companheiro em boa parte da minha infância. Por ser asmática, eu passava dias a fio

1 Texto adaptado do memorial apresentado ao Instituto de Psicologia da USP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Livre-Docente, em novembro/2003. Endereço para correspondência: Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia Experimental, Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – Butantã - CEP 05508-900 São Paulo – SP. E-mail: hunziker@usp.br; hunziker@lexxa.com.br.

deitada, me mexendo o mínimo possível, olhando o teto do meu quarto. Para passar o tempo, eu pensava, planejava, analisava, enfim, me dedicava àquilo que mais tarde descobri se chamar introspecção. Sem saber, tinha tido meu primeiro contato com algo relacionado à Psicologia.

Mais tarde, no 2º grau, eu tive uma disciplina que me mostrou que aquilo que por muitos anos fiz sozinha - tentar entender o meu comportamento e o de outras pessoas - era o objeto de uma área do conhecimento, chamada de psicologia. Isso me fascinou. Ao escolher a faculdade a fazer, eu fui influenciada por essa descoberta: contrariando minhas amigas, que escolheram fazer pedagogia, eu decidi fazer psicologia. Deixei o grupo de amigas, com quem estudava há muitos anos, e parti para vôo solo.

Tendo decidido pela psicologia, procurei me informar sobre os melhores cursos existentes e acabei optando pelo curso oferecido na Universidade Católica de Campinas (UCC), que naquela época ainda não era “Pontifícia”. Esse curso, apesar de novo, era muito promissor. As referências que me chegaram falavam de um jovem psicólogo, muito competente, que sendo diretor dessa faculdade estava impondo critérios de inovação e excelência na formação do curso: seu nome, Luiz Otávio de Seixas Queirós. Mal sabia eu as voltas que a vida ainda daria, e que mais tarde, mesmo afastado desse curso, ele se tornaria um grande amigo.

Naquela época os vestibulares não eram unificados e por isso fui fazer o cursinho oferecido pelo Centro Acadêmico da UCC, voltado especialmente para as exigências desse vestibular. Os organizadores e professores do cursinho eram, na sua maioria, alunos de graduação em psicologia. Dentre eles, foi especialmente marcante o fato de que o graduando Hélio Guilhardi era o professor de química e biologia. Enquanto nos ensinava sobre átomos e osmose, o Hélio também nos falava de uma nova perspectiva dentro da psicologia, que era científica, objetiva, experimental. Eu nunca havia pensado na psicologia sob esse prisma, mas o entusiasmo dele me contaminou de forma que, mesmo antes de entrar na faculdade, eu já estava decidida a fazer psicologia experimental.

Nessa época, 1969, vivíamos os anos de chumbo

do Brasil, com um clima de grande repressão política, onde o autoritarismo imperava. Alguns amigos haviam sido presos simplesmente por terem comparecido ao congresso de estudantes da UNE, em Ibiúna, e depois disso ficou cada vez mais freqüente sabermos de conhecidos que passaram a viver na clandestinidade, ou de outros que se exilaram. O medo e a desconfiança compunham o clima cotidiano, mas apesar disso eu me preparava entusiasticamente para iniciar a faculdade. Contudo, nem tudo saiu conforme eu previa e o autoritarismo reinante acabou por afetar diretamente meus planos acadêmicos: como o Luís Otávio era um diretor que enfrentava as atitudes autoritárias do reitor, este o destituiu sumariamente da direção da Faculdade de Psicologia. Os professores do curso foram contrários a esse ato, tendo apresentado total solidariedade ao diretor destituído: com exceção de dois professores, todos os demais assinaram uma carta encaminhada ao reitor em que diziam que, caso o Luiz Otávio não fosse reconduzido ao cargo de Diretor da Faculdade de Psicologia, eles estariam demissionários. O reitor não reconduziu o diretor e aceitou a demissão coletiva. Assim, do dia para a noite, aquele curso que era uma grande promessa de qualidade, ficou apenas com os dois professores que não assinaram a carta. Novos professores foram convocados às pressas, mas muitos profissionais se recusaram, por questões éticas, a aceitar contrato nessas circunstâncias. Porém, como a ética não é a mesma para todos, foi possível compor um novo corpo docente que deu continuidade a esse curso.

Isso aconteceu a poucos meses do meu vestibular. Como meu cursinho era específico para o vestibular da UCC, eu não estava preparada para enfrentar os vestibulares de outras boas universidades, tais como PUC-SP e USP. Para não perder o ano investido, fiz o vestibular, passei, mas ao invés de vitória, o gosto foi de derrota. Iniciei o curso em 1970, ano em que não havia clima para festas.

Na sua reconstrução apressada, o curso de Psicologia da UCC perdeu a perspectiva científica que tanto havia me encantado nas aulas do Hélio. Para compensar essa lacuna, eu busquei atividades diversas, dentro e fora da faculdade: fiz cursos de extensão (todos voltados à Análise

do Comportamento), além de monitorias nas poucas disciplinas que mantiveram rigor científico: “Métodos e Técnicas de Pesquisa” e “Metodologia Científica”. Paralelamente, soube que o Luiz Otávio havia criado uma clínica, chamada “Clínica do Comportamento”, que era uma das primeiras experiências, no Brasil, de aplicação dos princípios comportamentais behavioristas. Para isso, ele levou para trabalhar consigo alguns dos seus ex-alunos, dentre eles o Hélio. Lembrando da sua postura no cursinho, achei que o Hélio poderia ser a minha salvação (e de alguns colegas igualmente inconformados com as condições do curso), e por isso fui procurá-lo com dois pedidos, um coletivo e outro pessoal: 1) que ele nos oferecesse um curso sobre Análise do Comportamento, como forma de adquirirmos a base teórica para a formação profissional; 2) que me arranjassem um estágio na Clínica do Comportamento, como forma de eu dar início à prática decorrente dessa teoria. O Hélio foi muito receptivo e me atendeu duplamente: por três anos, fiz registros de comportamento de pacientes daquela clínica, participando da discussão de casos com diferentes profissionais, além de frequentar as aulas noturnas que o Hélio passou a ministrar semanalmente. Essa experiência me marcou quanto ao rigor científico que aquele grupo de profissionais impunha à sua atividade clínica, bem como às aulas, nas discussões dos textos teóricos. Nessa época descobri Skinner, Sidman, Ferster, e muitos outros autores que, a partir da pesquisa básica, analisavam o comportamento humano de uma maneira muito diferente da difundida pela psicologia tradicional. Confirmando o descobrimento da época do cursinho, essas atividades me reafirmaram que era essa nova psicologia que eu queria seguir.

Em 1974, o Hélio me passou a incumbência de dar continuidade a esses cursos. Eu cursava o 5º ano da graduação, e me senti muito honrada por sair da posição de aluna e estagiária, para me tornar participante da Clínica do Comportamento. Mantive as aulas semanais até 1977, tendo como alunos estudantes de diversas faculdades de Psicologia da região de Campinas que viam naquela clínica um centro difusor dessa área de conhecimento. Hoje

percebo que foi fundamental para a minha carreira docente esse começo, tendo o que chamo de “alunos espontâneos”, ou seja, pessoas que queriam aprender. Como isso é raro nos cursos obrigatórios e como é importante para o entusiasmo do professor! Não tenho dúvidas de que esses meus primeiros alunos foram os maiores responsáveis pelo fortalecimento da minha opção pela carreira docente.

Contudo, ao ensinar eu percebia que sabia pouco sobre Análise do Comportamento. Quanto mais me preparava para as aulas, mais noção eu tinha da insuficiência do meu conhecimento. Lendo os livros, eu percebia que havia muito a ser investigado além daquilo que já estava escrito. Pesquisar, produzir conhecimento, se apresentava como a meta a buscar, como o canto das sereias, irresistível. Assim, terminada a graduação, o caminho lógico foi fazer um curso de pós-graduação.

Eu sabia exatamente onde poderia adquirir os conhecimentos que me interessavam: no Departamento de Psicologia Experimental da USP (PSE). Esse curso era muito concorrido e eu tinha noção de como a minha graduação havia sido fraca, dado o “acidente de percurso” de 1969. Por isso, achava quase impossível que me aceitassem como aluna naquele curso, mas esse “quase” me deixava uma brecha e foi nela que eu investi: contra todas as probabilidades de sucesso, resolvi me inscrever na prova de seleção para o mestrado no PSE. Essa prova dependia basicamente de uma entrevista na qual os docentes do curso se sentavam em torno de uma mesa e argüiam individualmente cada candidato. Era assustador, uma verdadeira “Santa Inquisição”. Não eram avaliados conhecimentos teóricos, mas sim experiências prévias, atitudes, projetos de cada candidato. Eu tinha pouco a apresentar em meio a candidatos oriundos de faculdades muito superiores à minha. Contudo, como o Hélio e o Luiz Otávio me recomendaram aos docentes desse curso, suponho que esse tenha sido o principal motivo para a banca ter me aprovado como integrante da turma de 1975.

Entrar no PSE foi como chegar ao Olimpo: os “deuses”, que eu conhecia dos congressos ou através dos livros, circulavam pelos corredores! Com a convivência, os “deu-

ses” rapidamente se tornaram humanos, com todas as delícias e tragédias que isso implica. Mas como a primeira sensação a gente nunca esquece, eu me lembro de sentir como um enorme privilégio estar vivendo aquilo que a vida me oferecia! Contudo, eu tive que pagar o preço pela minha formação deficiente e não foi com facilidade que enfrentei a enorme quantidade de textos a preparar para cada aula. Para ultrapassar a barreira imposta pelo meu fraco curso de graduação, eu não me dava folga: era todo o tempo um estudo contínuo, mesmo em feriado ou final-de-semana. O esforço deu resultado, e ao final do primeiro semestre eu já tinha uma boa reputação como aluna, sem precisar provar que a banca não se equivocara.

Até aqui eu vejo as circunstâncias que me levaram a escolher o curso de Psicologia e em seguida optar pela Psicologia Experimental. Contudo, o que me levou à pesquisa básica? Lembro que meu interesse, ao entrar na pós-graduação, era trabalhar com educação, mais especificamente, com programação de curso. Logo, eu só me imaginava trabalhando com humanos. Se alguém me dissesse que eu iria fazer pesquisa com ratos, eu daria risada, pois isso nem me passava pela cabeça! Mas aí o mar foi me navegando e mudando meus rumos, como diria o Paulinho da Viola. Ou, como diria Skinner, foi aí que novas contingências, às quais me expus, mudaram minhas escolhas.

Já no primeiro semestre de pós-graduação estabeleci contato com duas pessoas que me marcaram profundamente: Mara Lúcia “Tutu” Ferrara e Luís Cláudio Mendonça de Figueiredo. Ela era docente e ele meu colega de turma. Com ambos, a amizade precedeu o trabalho. Tanto o Luís Cláudio como eu chegamos sós nessa turma (outros já se conheciam de antemão) e como descobrimos que tínhamos vários amigos comuns, além de muita afinidade de trabalho, passamos a fazer uma dupla constante nas disciplinas que cursamos, de forma que atividades no laboratório e os seminários eram sempre divididos entre nós. Ele fazia sua pesquisa de mestrado no laboratório que a Tutu tinha na PUC-SP, no prédio da Rubem Berta. Como no segundo semestre de 75 eu comeci a dar aulas naquela universidade, nos intervalos vagos eu me dirigia

ao laboratório e ficava conversando com eles. Eu os via fazendo pesquisa com animais, de uma forma entusiástica. Ao mesmo tempo em que eram extremamente competentes, eles faziam do seu trabalho algo divertido, lúdico. A inteligência e o bom humor imperavam naquele laboratório. Era como um jogo que jogavam diariamente, no qual cada dado coletado correspondia a uma nova peça de um quebra-cabeças que ia sendo montado. Quando parte desse “quebra-cabeças” se mostrava mais claramente, o entusiasmo era enorme! Apesar de admirar esse entusiasmo, minhas idas a esse laboratório não tinham a menor relação com a pesquisa que era ali desenvolvida, pois eu só queria a companhia desses amigos tão estimulantes. Ambos tentavam me convencer a me juntar a eles fazendo pesquisa com animais, mas eu me negava, pois tinha claro que queria trabalhar com educação. Contudo, sem me dar conta, essa convivência foi me impregnando lentamente com o entusiasmo que tinham por aquele tipo de pesquisa. Só no 4º semestre da pós-graduação é que percebi a mudança que havia se operado em mim: quando, ao cursar a disciplina “Controle Aversivo”, apresentei um seminário sobre um tema novo na área - o desamparo aprendido-, eu me entusiasmei com as pesquisas descritas. O seminário foi seguido pela proposta de um projeto de pesquisa e, antes de terminar o semestre, eu já havia abandonado a idéia de fazer programação de curso e mergulhado de cabeça no estudo do desamparo aprendido, com ratos (nesse momento aprendi a nunca dizer “dessa água não beberei!”). Essa “guinada” vem influenciando meu trabalho por mais de 20 anos (por exemplo, Hunziker, 1982, 1992, 2003).

A convivência com Tutu e Luiz Cláudio foi preciosa na minha formação como pesquisadora. Depois a vida armou suas trapaças e eu fiquei na Psicologia Experimental sem eles: a morte da Tutu impediu que concretizássemos um velho sonho de trabalharmos juntas; quanto ao Luís Cláudio, pesquisamos e publicamos juntos por alguns anos, até que a psicanálise o levou para longe do laboratório e das nossas parcerias científicas, sem prejuízo da amizade que resistiu a esses anos todos.

Creio que esses foram os fatos que mais influencia-

ram as minhas escolhas profissionais. O que veio a seguir foi apenas o exercício das escolhas feitas. Entre 1975 e 1982 concluí o Mestrado e o Doutorado no PSE. Como minha orientadora oficial passou boa parte desse período trabalhando em uma universidade na Bahia, eu tive na Tutu e no Luís Cláudio os meus orientadores de fato. Porém, eu tinha um problema prático a resolver: por razões pessoais eu precisava morar em Campinas, a 100 km do laboratório da USP, e com a necessidade de coletas de dados diárias eu teria que viver na estrada, o que era inviável. Se eu não podia morar em São Paulo, então a solução seria fazer minha pesquisa em Campinas. Mas, onde, em Campinas, eu poderia fazer pesquisa sobre comportamento animal? A PUCCAMP (nessa época a universidade já tinha se tornado Pontifícia) não tinha laboratórios de pesquisa e a UNICAMP não tinha Psicologia entre os cursos oferecidos. Contudo, lembrei-me de ter conhecido, em um congresso, uma pesquisadora do Departamento de Fisiologia da UNICAMP que trabalhava com análise do comportamento, a Elenice Moraes Ferrari. Embora ela utilizasse pombos nos seus estudos, eu sabia que na Fisiologia muitas pessoas trabalhavam com ratos. Assim, de forma muito otimista, imaginei que eles poderiam me ceder alguns ratos, além de uma sala para trabalhar (coisa pouca!). Fui procurar a Elenice, mas ela estava afastada em licença gestante. Não me dei por vencida e procurei outro professor que mantinha contato com o trabalho dela, a quem expus minhas necessidades. Ele me pediu detalhes sobre o projeto e depois de alguns dias confirmou que eu teria naquele Departamento as condições solicitadas. Depois disso, a Elenice voltou e foi muito solidária comigo. Considero digno de destaque o fato de que, sendo uma ilustre desconhecida, as pessoas do Departamento de Fisiologia e Biofísica, do Instituto de Biologia da UNICAMP, me acolheram, me deram condições de pesquisa, sem pedirem nada em troca. Naquela época eu não sabia o quão raro isso é. Foi graças a essa generosidade científica que pude dar início ao meu laboratório.

Quando arranjei local de trabalho, a Dra. Maria Amélia Matos me emprestou alguns equipamentos,

complementados pela generosidade da Tutu, que não apenas emprestou os que faltavam como também me ajudou na difícil tarefa de montagem de caixas e circuitos eletromecânicos. Eu não tinha as noções básicas de mecânica e eletricidade, portanto a saída era aprender fazendo. Apesar da minha grande disposição e autonomia, devo à Tutu o fato de não ter me eletrocutado com ligações de 110V que inadvertidamente deixei expostas na parte frontal do painel (como ela riu dessa minha inexperiência!!!). Salva desse perigo maior, levei alguns pequenos choques e provoquei poucos curtos-circuitos no laboratório, mas, por fim, pude realizar, com um mínimo de equipamentos, as minhas pesquisas de mestrado e doutorado.

Poucos meses após ter concluído o doutorado, fui convidada para trabalhar no Departamento de Farmacologia da UNICAMP, para desenvolver ensino e pesquisa em psicofarmacologia. Apesar de nunca ter estudado farmacologia, aceitei o desafio. Tive um semestre para estudar essa ciência antes de ser inserida no grupo de docentes que davam aula aos alunos de 3º ano do curso de Medicina. Assim, recém doutora em análise comportamento, eu tinha que dar aulas sobre farmacologia, assunto que conhecia muito pouco! Foi então que entendi uma frase do Keller, que dizia que “independentemente do título da aula, você só ensina o que sabe”. Ao ensinar tópicos de farmacologia (predominantemente psicofarmacologia), eu fazia o possível para incluir a análise da interação entre o organismo e o ambiente. Eu me esforçava para que aqueles futuros médicos enxergassem algo além do mecanicismo das reações químicas das drogas, que percebessem que o *ambiente* interagia continuamente com o organismo e por isso era também uma fonte de variável crítica para o funcionamento dos fármacos e das patologias. O que eu tentei fazer foi mais ou menos o que o Hélio havia feito conosco, no cursinho, quando utilizou as aulas de química e biologia para nos mostrar a psicologia experimental. Eu partia da farmacologia para chegar na relação organismo/ambiente, ou seja, no comportamento. Para o aluno de medicina, acostumado a pensar no organismo como uma caixa fechada e auto-suficiente, esse tipo de abordagem assusta-

va. Nem todos entendiam essa abordagem, mas diversos deles se interessaram a ponto de virem estagiar no meu laboratório. Nessa época, foi essencial o contato por e-mail que mantive com o Prof. Derek Blackman (da *University of Wales, UK*), então um dos principais pesquisadores da psicofarmacologia realizada sob a perspectiva do behaviorismo radical. Esse intercâmbio me ajudou a manter essa perspectiva de análise, mesmo estando em um ambiente de trabalho onde tais referenciais teóricos não eram objeto de interesse (por exemplo, Hunziker, 1984, 1992)

Os seis anos que trabalhei no Departamento de Farmacologia me trouxeram um grande enriquecimento científico, através de conhecimentos de uma nova área que se somaram ao meu repertório mais convencional de analista do comportamento. Olhar as variáveis químicas que interferem diretamente no comportamento me fortaleceu a noção do monismo, pressuposto básico do behaviorismo radical. “O comportamento nada mais é que a fisiologia de uma anatomia”, já dizia Skinner. Então, como analista do comportamento, só tive a ganhar por olhar mais de perto as variáveis fisiológicas e farmacológicas que são parte do organismo, que são também função das suas relações com o ambiente. Não é difícil identificar que essa convivência multidisciplinar fez parte dos “mares que me navegaram” e que me levaram a trabalhar dentro da abordagem que se convencionou chamar de análise biocomportamental (exemplo, Graeff, Hunziker, & Graeff, 1989; Graeff, Audi, Almeida, Graeff, & Hunziker, 1990; Hunziker, 1984, 1992).

Por mais estimulante que fosse esse contato com os alunos de graduação da medicina, eu me ressentia pelo fato do Departamento de Farmacologia não ter, naquela época, curso de pós-graduação, o que me deixava sem a possibilidade de desenvolver atividades como orientadora em nível mais avançado. Além disso, eu também me sentia um tanto “fora de casa”, trabalhando em um ambiente sem interlocutores a respeito dos temas que mais me interessavam. Por isso, em 1988, eu me transferei para o Departamento de Psicologia Experimental da USP, o velho

PSE. Com alegria, pensei que, como uma boa filha pródiga, eu estava “voltando para casa”.

Ao contrário do esperado, esse retorno não se deu com alegria: a Tutu morreu nos meses entre minha aprovação no concurso e a efetiva contratação no PSE. Apesar dessa tristeza, foi bom voltar a ensinar o que eu sabia mais profundamente. Foi gratificante poder orientar dissertações e teses, além de iniciações científicas, ter interlocutores e parceiros para as pesquisas que antes eu fazia praticamente sozinha. Pude retomar temas que me interessavam sobre o comportamento, porém com uma perspectiva enriquecida pela minha passagem pelos Departamentos de Fisiologia e de Farmacologia. Foi no PSE que pude dar maior vazão ao trabalho em grupo, junto a alunos que se interessavam pelas minhas pesquisas (por exemplo, Mestre & Hunziker, 1996; Yano & Hunziker, 2000; Capelari & Hunziker, submetido).

Também foi nesse ambiente que tive mais estímulo para buscar contatos com pesquisadores de outras universidades. Estive por duas vezes na University of Colorado, em Boulder (Colorado, EUA), no laboratório do Prof. Steven Maier, uma das principais referências no estudo do desamparo aprendido. Estar nesse laboratório me ajudou a compreender a razão dos meus resultados serem sistematicamente diferentes dos produzidos por Maier e colaboradores: apesar de ambos estudarmos o desamparo aprendido, diferenças sutis nos procedimentos geravam diferentes processos comportamentais (ver análise sobre essa questão em Hunziker, 2003). Em 1994, o estágio de pós-doutorado no Reed College, em Portland (Oregon, EUA), junto ao Dr. Allen Neuringer, me levou a iniciar pesquisas experimentais sobre a variabilidade comportamental operante (Hunziker, Saldana, & Neuringer, 1996), e posteriormente esse tema passou a ser abordado também teoricamente a partir outro estágio de pós-doutorado na Universidad de Seville (Sevilha, Espanha), em parceria com o Dr. Rafael Moreno (Hunziker & Moreno, 2000).

Nessa longa trajetória, não posso deixar de lembrar a enorme importância que tiveram os alunos que se juntaram a mim. Cada um com seu estilo particular e estando

em diferentes etapas de desenvolvimento, mas todos me trazendo desafios que não me deixaram acomodar, que me exigiram ir mais longe do que eu teria ido sozinha. Citá-los nominalmente seria muito longo, pois foram muitos, desde aqueles que nos anos 70 freqüentaram a Clínica do Comportamento – e que me ensinaram a gostar de ensinar – até os meus atuais orientandos, da Iniciação Científica ao Doutorado. A todos devo o meu entusiasmo no ensino e na pesquisa, principalmente em situações nas quais as dificuldades enfrentadas me teriam levado a desistir da universidade.

Não foi por acaso que nessa “quase memória” não relatei minha descoberta dos grandes autores da área. É claro que eles foram, e são, muito importantes para o trabalho que realizo. Seus trabalhos pioneiros abriram caminhos para a minha atuação profissional. Contudo, tenho claro que não foram eles os principais agentes que determinaram as escolhas que me trouxeram onde estou. Meus rumos profissionais foram influenciados diretamente por uma professora de 2º grau que me mostrou a Psicologia, um professor de cursinho que me abriu as portas para a Psicologia Experimental, e dois amigos que me fizeram apaixonada pelo laboratório animal. A manutenção dessas escolhas foi influenciada por todos com quem convivi, pessoal e profissionalmente. Portanto, minha trajetória como pesquisadora é fruto das contingências experimentadas na minha história cultural e particular. Poderia ter sido diferente?

REFERÊNCIAS

- Capelari, A., & Hunziker, M. H. L. (submetido). Desamparo aprendido em função de estímulos apetitivos incontroláveis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*
- Graeff, F. G., Audi, E. A., Almeida, S. S., Graeff, E. O., & Hunziker, M. H. L. (1990). Behavioral effects of 5-HT receptor ligands in the aversive brain. *Neuroscience and Behavioral Reviews*, 14, 501-506.
- Graeff, E. O., Hunziker, M. H. L. & Graeff, F. G. (1989). Effects of ipsapirone and Bay R 1531 on learned helplessness. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, 22, 1141-1144.
- Hunziker, M. H. L. (1982). Considerações metodológicas sobre o estudo da incontrolabilidade. *Psicologia*, 8 (3), 61-77.
- Hunziker, M. H. L. (1984). O papel das variáveis biológicas na Análise Experimental do Comportamento. *Ciência e Cultura*, 36 (3), 413-416.
- Hunziker, M. H. L. (1992). Opioid nature of learned helplessness and stress-induced analgesia without reexposure to shock. *Behavioural Pharmacology*, 3, 117-121.
- Hunziker, M. H. L. (2003). *Desamparo aprendido*. Tese de livre-docência, Universidade de São Paulo, São Paulo, 140p.
- Hunziker, M. H. L., Saldana, L. & Neuringer, A. (1996). Behavioral variability in SHR and WKY rats as a function of rearing environment and reinforcement contingency. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 65 (1), 129-144.
- Hunziker, M. H. L. & Moreno, R. (2000). Análise da noção de variabilidade comportamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (2), 135-143.
- Hunziker, M. H. L., Lee, V. P. Q., Ferreira, C. C., Silva, A. P. & Caramori, F. C. (2002). Variabilidade comportamental em humanos: efeitos de regras e contingências. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18 (2), 130-147.
- Hunziker, M. H. L. & Pérez-Acosta, A. M. (2001). Modelos animales en psicopatología: ¿Una contribución o una ilusión?. *Avances en Psicología Clínica Latinoamericana*, 19, 37-50.
- Mestre, M. B. A. & Hunziker, M. H. L. (1996). O desamparo aprendido, em ratos adultos, como função de experiências aversivas incontroláveis na infância. *Tuiuti: Ciência e Cultura*, 6, 25-47.
- Yano, Y. & Hunziker, M. H. L. (2000). Desamparo aprendido e imunização com diferentes respostas de fuga. *Acta Comportamental*, 8 (2), 143-166.